

SEM LIMITES: COM EXCEÇÃO DOS LIMITES IMPOSTOS PELOS OUTROS?

O papel da educação no desenvolvimento do desporto para as mulheres

Margaret Talbot

Resumo Este texto analisa vários factores que contribuem para os baixos níveis de participação no desporto, particularmente no plano da liderança e gestão. A autora propõe um modelo de mudança das estruturas e processos desportivos que passa pelo reconhecimento e valorização do papel da educação, sugerindo algumas linhas de intervenção para tentar inverter a situação minoritária e desigual das mulheres no desporto. Referindo o reconhecimento crescente de que a educação das mulheres é fundamental para o desenvolvimento social e económico, defende também a importância da educação física e do desporto como instrumentos para esse desenvolvimento a nível mundial.

Palavras-chave Liderança; educação; educação física; desporto e desenvolvimento.

A minha primeira pergunta é a seguinte: por que é que Portugal necessita de um debate nacional e de estratégias especiais no que concerne às mulheres e ao desporto? É notório que Portugal tem feito grandes progressos em relação à equidade entre os sexos, tanto em termos de políticas como na vida pública (Commission for Equality, 1998). Por exemplo, nos últimos 20 anos a taxa de mortalidade materna caiu de 19,6 por cada 100.000 nascimentos em 1980, para apenas 5,4 em 1996. A taxa de raparigas e mulheres a completarem cursos escolares é muito maior que a dos homens a todos os níveis; e mais de metade dos jovens que frequentam o ensino superior são mulheres (embora apenas 39,2% dos estudantes de pós-graduação sejam mulheres). O progresso em termos educativos neste curto espaço de tempo é ilustrado parcialmente pela grande diferença entre gerações (mulheres mais velhas e mulheres mais novas) no que respeita às taxas de alfabetização. Infelizmente, as mulheres partilham em igualdade com os homens a mesma taxa de desemprego. Por fim, Portugal possui um impressionante Plano Global para a Igualdade de Oportunidades (Presidência do Conselho de Ministros, 1997).

No entanto, apesar deste impressionante desenvolvimento, a participação das mulheres em cargos públicos permanece baixa, nos 12,2%, e apenas 5,6% dos membros do Conselho Superior do Desporto em 1996 eram mulheres. Este é um padrão bastante comum, existente também noutros países europeus e noutras partes do mundo. O desporto, ao contrário da indústria, de sectores públicos como a educação e a saúde e organizações não governamentais de desenvolvimento,

parece não ter ainda reconhecido os talentos das mulheres. A minha tarefa é perguntar por que é que as mulheres têm níveis tão baixos de influência e de poder no desporto e sugerir alguns caminhos para tentar melhorar esta situação.

O primeiro passo é ver e reconhecer as barreiras que impedem as mulheres de darem uma contribuição plena para o desenvolvimento do desporto, bem como de atingirem o seu potencial no e através do desporto:

- As mulheres encontram-se pouco representadas em todos os níveis e em quase todas as áreas da liderança e administração desportiva;
- As mulheres e raparigas participam menos em actividades desportivas e também num número menor de desportos que os rapazes e os homens;
- Qualquer que seja o nível de participação das mulheres e raparigas no desporto, ele não é secundado pela sua participação em lugares de liderança.

Estas conclusões já foram reconhecidas pelo Comité Olímpico Internacional, que definiu como alvos a atingir para todos os Comités Olímpicos Nacionais a existência de pelo menos 10% de mulheres nas suas respectivas direcções até 2000, e pelo menos 20% até 2005. Tanto a Declaração de Brighton (1994) como o Manifesto de Windhoek (1998) reconhecem a baixa participação das mulheres no desporto e em cargos de liderança. Tal reconhecimento, assim como os apelos para que se tomem medidas em relação a esta situação, indicam que a maneira como o desporto está organizado e é praticado exclui as mulheres e as raparigas, e que as mudanças na sua administração e prática podem significar uma diferença substancial.

No entanto, também é importante reconhecer que, para muitas mulheres, as mudanças processuais não significam necessariamente um acréscimo de oportunidades. As mulheres, como indivíduos, enfrentam ainda muitos desafios quando se trata de tentar obter posições de liderança. Por exemplo:

- Podem sentir falta de confiança para concorrer a eleições e podem não conseguir obter qualquer apoio “de quem está lá dentro”;
- Podem não ter experiência essencial, por exemplo, a nível nacional ou internacional, o que pode tornar-se um ciclo vicioso: falta de experiência — falta de oportunidades — falta de experiência;
- As mulheres, mais do que os homens, tendem a estar sobrecarregadas com as responsabilidades familiares, assim como com compromissos profissionais;
- E as mulheres têm normalmente menos possibilidades de “comprar” o desporto — têm menos tempo e menos dinheiro e normalmente não lhes é possível passar muito tempo fora de casa.

Em segundo lugar, existem crenças culturais ou mitos sobre as mulheres, que funcionam — ou são usados deliberadamente — no sentido de as manter afastadas de cargos de liderança. Apresento a seguir um conjunto de opiniões que tenho ouvido acerca da razão por que as mulheres estão pouco representadas em cargos de liderança no desporto:

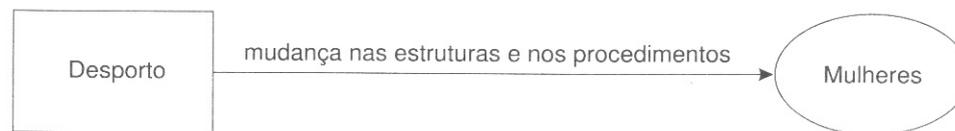
- Não existem mulheres que sejam suficientemente capazes de exercer cargos de administração ou liderança no desporto;
- As próprias mulheres, por alguma razão, não estão interessadas nesses cargos e não estão dispostas a comprometer-se;
- As mulheres não se candidatam a esses cargos;
- “Nomeámos uma vez uma mulher e ela era desastrosa” — as mulheres falham enquanto categoria, mas os homens podem falhar enquanto indivíduos;
- “Só as melhores pessoas é que conseguem ser eleitas”; “as pessoas competentes distinguem-se sempre”.

Nenhuma destas afirmações revela qualquer tipo de consciência ou conhecimento relativamente às práticas correntes que desencorajam as mulheres (e outros grupos) de chegar a esses cargos. Da mesma forma, não se reconhece que a cultura desportiva e as suas estruturas são mais conservadoras e resistentes à mudança do que quase qualquer outra instituição. O desporto tem ficado bastante atrás de outras áreas da vida pública no que concerne ao reconhecimento do valor da contribuição das mulheres — encontra-se até bastante atrás da Igreja em alguns países! As organizações desportivas, em particular as organizações não governamentais, são bastante resistentes à mudança. Há frequentemente falta de responsabilização por parte de quem ocupa os cargos voluntários, sendo comum ocuparem um posto durante um longo período de tempo. Por fim, os estatutos são muitas vezes usados para impedir a mudança.

O modelo convencional de pensar sobre as mulheres e o desporto tem por base a ideia de “trazer mais mulheres para o desporto”; pretende-se que as mulheres alterem o seu comportamento — que se afirmem mais e se mostrem mais confiantes, que adquiram novas aptidões pessoais ou de administração — para que possam preencher as oportunidades disponíveis.



Eu prefiro um modelo de mudança em que, pelo contrário, são feitos todos os esforços para que o desporto venha ao encontro das mulheres, mudando as estruturas e os procedimentos através dos quais o desporto é administrado e gerido.



Infelizmente, muito poucas organizações desportivas estão empenhadas em implementar o “modelo de mudança”; muitas não conseguem reconhecer que a questão da equidade entre os sexos é um problema que as toca, e portanto as mulheres são muitas vezes forçadas a trabalhar a partir de organizações exteriores, em posições marginais, e quase sem poder nenhum. Neste contexto, é também plausível que o desporto praticado por mulheres, os seus resultados e as suas contribuições para o desenvolvimento do desporto sejam desvalorizados.

Por outro lado, deve-se reconhecer que as mulheres e raparigas necessitam de desenvolver aptidões, conhecimentos e experiência que lhes permitam actuar de forma competente no desporto, quer seja como participantes, como competidoras ou como líderes. Penso, portanto, que a maneira mais eficaz de o conseguir é trabalhando ao nível das capacidades — construindo confiança, desenvolvendo aptidões (tanto físicas como de gestão), conhecimentos técnicos e especializados, conhecimentos de liderança desportiva e de política desportiva. Saber é poder e as mulheres precisam de factos, estatísticas e boa informação. Só então seremos capazes de desafiar os mitos que tão frequentemente nos limitam. A investigação pode ajudar-nos a montar os argumentos de que necessitamos. Por fim, é mais vantajoso trabalhar com outras pessoas: no caso das mulheres isoladas em várias organizações, isto pode ser feito através de redes e grupos que podem dar mais apoio e ajudar a exercer influência. Todos os aspectos anteriormente referidos podem ser transmitidos e sustentados através da *educação*.

Quando me estava a preparar para este congresso, fui ler de novo a Declaração de Brighton, para ver que tipo de referência era feita à educação. Impressionou-me que as referências fossem relativamente poucas, o que tinha certamente a ver com o facto de a preocupação do congresso em 1994 ser a de começar a sua influência no mundo do desporto — provavelmente a área que mais precisava de mudar! A Declaração dirigia-se a “todos os estabelecimentos de ensino e investigação” e às pessoas “envolvidas na (...) educação (...) das mulheres no desporto”, mas havia poucas referências directas relativamente ao que se deveria fazer, ou à maneira como os princípios de Brighton deveriam ser aplicados na educação. A cláusula relacionada com a educação, o treino e o desenvolvimento referia-se claramente a estas actividades dentro do próprio desporto:

garantir que os processos e as experiências educativas consignem os assuntos relacionados com a equidade entre os sexos e as necessidades das atletas, que repercutam de forma equitativa o papel das mulheres no desporto e que levem em conta as experiências de liderança, os valores e os comportamentos das mulheres.

Há muito poucas referências ao sistema educativo geral, e quase não se menciona o papel que a Educação Física tem no incremento de oportunidades desportivas para as mulheres. Isto é compreensível: naquela altura estávamos a trabalhar para alcançar mudanças dentro do desporto e o título do congresso era “As Mulheres, o Desporto e o Desafio da Mudança”.

No entanto, cinco anos depois, chegou a hora de mudar a ênfase presente nos princípios de Brighton (que foram aceites por centenas de organizações e

governos), no sentido de haver uma implementação destes princípios na prática. Também precisamos de olhar para além do desporto, para sectores ou grupos de interesse relacionados, para termos a certeza de que as pessoas que trabalham para melhorar as possibilidades das mulheres e raparigas no e através do desporto, possam ser ajudadas e possam trabalhar com quem comunga dos mesmos princípios. O Manifesto de Windhoek de 1998 ilustra esta mudança de ênfase. Dirige-se a “todos os governos, instituições educativas e de investigação”, apelando à necessidade de “desenvolver uma relação mais próxima entre o desporto, as organizações de mulheres (...) e (...) a educação”.

O Manifesto de Windhoek também se referia especificamente à Educação Física e à necessidade de tomar medidas para a salvaguardar:

Inverter a “Crise Mundial na Educação Física” estabelecendo e fortalecendo programas de Educação Física de qualidade. Esta é uma medida fundamental para permitir que as raparigas tomem contacto com as competências técnicas e com outros benefícios que podem adquirir através do desporto. Para além disto, implementar políticas e mecanismos que permitam que haja uma progressão das actividades realizadas na escola para as actividades realizadas na comunidade.

Regressarei a este assunto da “crise mundial na educação física” mais adiante, pois penso que constitui uma importante barreira que impede o desenvolvimento de uma política para as mulheres e o desporto. Por agora, no entanto, quero concentrar-me no significado de “educação”. Apontaria as seguintes características da educação:

- desenvolve-se durante toda a vida, e nunca acaba — é um processo contínuo;
- em todos os países do mundo, a educação não é deixada ao acaso, ou mesmo entregue às famílias como transmissoras de conhecimentos e capacidades às crianças: a educação é um sector formal, gerido e organizado pelos governos, que frequentemente consome largas percentagens do Produto Nacional Bruto (PNB). De facto, a percentagem do PNB gasta na educação nos países desenvolvidos é usada frequentemente como barómetro para medir o nível de investimento no futuro desenvolvimento económico do país e também o grau de “civilização” de uma cultura;
- isto significa que a educação envolve uma série de instituições e estabelecimentos formais, incluindo escolas, faculdades, universidades e organizações que fornecem estágios e outros tipos de formação e treino no emprego;
- por fim, na Europa, a educação é um direito — um direito adquirido — para todas as crianças. A nível mundial, porém, verifica-se que em certos países ainda persistem práticas de sonegar oportunidades educativas às raparigas ou crianças de minorias étnicas ou de zonas rurais. No entanto, a educação é considerada pelas Nações Unidas e pelas suas agências um direito fundamental que deve ser facultado a toda a gente, independentemente do sexo.

É importante reconhecer esta universalidade do sistema educativo na maior parte

dos países, bem como a sua capacidade para abranger e influenciar a vasta maioria dos e das jovens. Nenhum outro sistema possui tal capacidade de alcance ou tal potencial para realizar um enorme número de funções. Ao reconhecermos a importância da educação para o desenvolvimento do desporto para raparigas e mulheres, é também possível identificar algumas das funções que o sistema educativo pode desempenhar:

- a educação física e o desporto nas escolas podem propiciar às estudantes as competências e os conhecimentos de que necessitam para participar no desporto, na dança e noutras actividades físicas: nenhum outro sistema, nem mesmo o melhor programa local de actividades desportivas, consegue chegar a todas as jovens e crianças;
- a educação pode também ajudar as crianças do sexo feminino e as jovens a compreender e lutar pelos seus direitos, enquanto seres humanos, a serviços básicos e à liberdade de se desenvolverem, consciencializando-se de que a equidade entre os sexos é um direito, qualquer que seja a esfera em que se movam;
- o sistema educativo tem um papel fundamental na educação dos professores e das professoras — um dos grupos de referência mais importantes para as nossas crianças. Se não forem dados aos professores e às professoras, durante a sua formação, a confiança e os instrumentos necessários para ministrar a Educação Física e para apoiar e prolongar o desenvolvimento físico das crianças, as consequências serão óbvias;
- o sistema educativo pode assegurar, através de uma boa educação para a saúde, que as crianças aprendam a respeitar o seu próprio corpo e os dos/as outros/as: possibilita que as crianças compreendam as consequências de diferentes estilos de vida e desenvolvam novas competências e capacidades;
- de uma forma mais directa, o sistema educativo pode apoiar e encorajar programas de formação de treinadores/as e dirigentes desportivos/as que incluam e tenham em conta as jovens e as mulheres, bem como as suas ideias. Se o sistema educativo puder incluir os encargos decorrentes no orçamento geral para o ensino, isto permitirá canalizar mais fundos do orçamento do desporto para criar e desenvolver mais oportunidades para quem antes foi negligenciado — incluindo as mulheres e as jovens;
- por fim, o sistema educativo pode dar qualificações adequadas e promover estudos de investigação que permitam apoiar os/as profissionais e voluntárias/os no desporto. Uma investigação que efectivamente se centre nos interesses e nas preocupações das jovens e das mulheres ajudará a modificar a cultura desportiva.

Contudo, estas funções não serão executadas pelo sistema educativo sem que haja uma intervenção. Há necessidade de exercer influência e encorajamento constantes para que o sistema adopte e continue a fornecer aspectos relacionados com a educação desportiva e treino. Do meu ponto de vista, isto pode ser feito de modo mais eficaz quando existe um sistema de Educação Física forte e de qualidade, que

funciona como ponte entre o desporto e a educação. Isto é bastante importante para as raparigas e mulheres, visto que as raparigas dependem, muito mais do que os rapazes, da escola e do sistema educativo para aprender as técnicas e os conhecimentos necessários para entrar no mundo do desporto. (Os rapazes conseguem obter estes conhecimentos através de outras fontes como a família, o grupo de amigos e os sectores comercial e público.)

O que é então necessário para que o sistema educativo ajude a desenvolver oportunidades desportivas para as mulheres? Em primeiro lugar, é necessário que todas as raparigas tenham acesso a uma introdução sistemática às técnicas e aos conhecimentos necessários para a participação no desporto — e como tentei demonstrar, isto só pode acontecer para TODAS as raparigas através da Educação Física ministrada nas escolas. Em segundo lugar, para apoiar a Educação Física nas escolas são necessários/as docentes, quer especialistas quer não especialistas, com bons conhecimentos técnicos e uma formação sólida; e é necessário que haja um número suficiente de professoras de Educação Física para que as raparigas possam ver e reconhecer que a Educação Física é relevante e atractiva. Por fim, precisamos de saber mais em relação às actividades desportivas das mulheres e raparigas. Muitos países não têm qualquer tipo de dados em relação aos seguintes aspectos: número de mulheres e raparigas que participam em actividades desportivas; padrões de participação (por exemplo, por área de residência, situação económica e social, grupo étnico e religião ou cultura, idade, etc.); a forma como as raparigas e as mulheres são influenciadas pelas barreiras e oportunidades de participação. Para que a oferta desportiva seja eficaz é muito mais necessário saber por que é que as pessoas NÃO participam, do que saber por que é que elas PARTICIPAM.

Cada vez mais, na literatura sobre a questão do desenvolvimento, se reconhece que a educação das raparigas e mulheres é fundamental, não só para o seu próprio desenvolvimento, mas também para o desenvolvimento social e económico das culturas e das nações:

A educação das raparigas está interligada de forma positiva com vários objectivos importantes a nível nacional e internacional, incluindo educação primária para toda a gente, produtividade económica, desenvolvimento social, equidade social e sustentabilidade dos esforços de desenvolvimento. (UNICEF, 1992)

Se esta afirmação for aplicada ao mundo do desporto, assim como ao desenvolvimento em termos gerais, então o investimento na Educação Física das raparigas não só aumentará as suas oportunidades, como também contribuirá de forma positiva para o desenvolvimento do sistema desportivo, aumentando a qualidade e ampliando a sua sustentabilidade. As mulheres têm chamado evidentemente a atenção para a sua importância no desenvolvimento nacional e penso que é importante trazer também estas afirmações para o mundo do desporto:

O desafio é o de construir uma civilização diferente, pluralista, democrática e flexível, e como pode isto ser feito sem nós? (Rodriguez, 1993)

Uma sociedade que tenta desenvolver-se sem a participação integral das mulheres é como um pássaro que tenta voar só com uma asa. Está condenada a sair de rumo. (Mulheres da Nigéria, 1989; citado em UNICEF, 1992)

Espero ter conseguido demonstrar a importância do papel da Educação Física no desenvolvimento do desporto para as raparigas. No entanto, fiz referência anteriormente à “Crise Mundial da Educação Física”, que parece estar a pôr em risco este desenvolvimento — e, de facto, põe também em risco o desenvolvimento saudável tanto das crianças (raparigas e rapazes) como do próprio desporto. Existe uma tendência global à qual se tem vindo a chamar “Crise Mundial”. Os meios fundamentais e necessários para ter uma Educação Física de qualidade nas escolas estão a ser reduzidos ou mesmo eliminados na sua totalidade — ou, nos países onde nunca se tinham desenvolvido, estes meios estão a ser completamente retirados da agenda educativa. Estes meios são:

- tempo suficiente nos *curricula* escolares;
- espaço e equipamento;
- docentes com formação profissional adequada;
- apoio a docentes e formação em estágio.

Todos estes elementos essenciais para que possa haver um bom ensino da Educação Física estão a diminuir em países do mundo inteiro, incluindo na Europa. Existem várias razões para tal:

- em primeiro lugar, muitos países estão a reduzir o orçamento da educação à medida que a recessão mundial aperta, ou à medida que certos países se vêem confrontados com a necessidade de ter de providenciar um sistema educativo que albergue cada vez mais jovens (em muito dos países em vias de desenvolvimento, mais de 50% da população tem menos de 16 anos). Em tais circunstâncias, a Educação Física é vista como dispensável ou “supérflua”;
- a segunda razão tem a ver com a maior ênfase dada à formação profissional e com as preocupações crescentes dos pais e mães para que os filhos e filhas tenham emprego após a conclusão dos estudos. A Educação Física ainda não conseguiu convencer os pais e mães e os/as responsáveis pelas políticas educativas de que é de facto uma importante área pré-profissional. É importante lembrar que na União Europeia o desporto e as actividades recreativas equivalem a cerca de 1,5% do PNB e que esta área oferece mais empregos no Reino Unido do que o conjunto da indústria automóvel, da agricultura, da pesca e do sector alimentar;
- em terceiro lugar, os/as jovens e as escolas estão cada vez mais sob pressão para obter resultados académicos. A obsessão em passar nos exames para atingir tal fim empurrou para um estatuto marginal as disciplinas e actividades escolares que têm benefícios intrínsecos mas que não são avaliáveis;
- e por fim — sendo este um aspecto importante para quem decide as políticas desportivas — existe a ideia de que os programas desportivos da

comunidade podem substituir ou compensar a falta de Educação Física nas escolas (o que, do meu ponto de vista, é uma ideia totalmente errada). Em alguns países desenvolvidos, a Educação Física (particularmente nas escolas primárias) foi substituída por programas desportivos (de grande qualidade) na comunidade, à medida que a classe política se foi apercebendo da oportunidade de reduzir os custos na educação. Mas o resultado é que desta forma não há um sistema inclusivo para que TODAS as crianças e jovens possam ter acesso às alegrias que a aprendizagem de novas capacidades físicas proporciona. As crianças e jovens que têm necessidades especiais de educação, aquelas cujas famílias não têm carro e as que vivem em casas com pouco espaço para actividades físicas serão quem menos vai beneficiar da oferta do desporto fora da escola. Como já referi, a inexistência de Educação Física nas escolas irá afectar principalmente o desenvolvimento de oportunidades desportivas para as raparigas e mulheres.

Penso, portanto, que nós na educação física temos de tentar convencer os/as responsáveis pelas políticas educativas e pela educação — e quem pode exercer influência sobre eles/as (pais e mães, organizações desportivas, docentes, empresários/as) — de que a Educação Física É IMPORTANTE para o desenvolvimento das crianças e do desporto. A Cimeira Mundial de Educação Física, a decorrer em Berlim, em Novembro,¹ irá tentar defender a manutenção da Educação Física no sistema escolar, perante ministros e responsáveis políticos/as de todo o mundo. As conclusões da cimeira serão depois enviadas para a reunião do MINEPS (Ministros da Educação Física e Desporto) que terá lugar no Uruguai em Dezembro — um momento particularmente oportuno, visto que o MINEPS só se reúne uma vez de dez em dez anos!

A causa da Educação Física requer o mesmo tipo de argumentos e negociações necessárias para que qualquer parceria tenha êxito:

- É necessário que tanto a Educação como o desporto saiam beneficiados;
- A especificidade do caso da Educação Física, sendo entendida e aceite por ambas as partes, requer sensibilidade política e capacidade de saber utilizar os argumentos adequados, mas também integridade no que respeita aos valores fundamentais da Educação Física;
- É essencial que cada parceiro respeite as contribuições respectivas: cada um pode trazer benefícios diferentes, mas todos têm de ser reconhecidos e valorizados. Da mesma forma, cada parte tem de reconhecer os objectivos e preocupações da outra parte, assim como as dificuldades que cada sistema possa ter, e estar preparada para fazer concessões;
- É fundamental para o sucesso da parceria que haja preocupações que são partilhadas, e que haja uma instituição responsável pela coordenação que seja aceite pelas duas partes — por mais forte que seja uma parceria, ela falha se não houver entendimento quanto à liderança;
- Tem de haver um acordo em relação às funções que cada parte desempenhará, para que cada uma dê contas à outra;

- Por fim, é necessário que haja uma comunicação contínua e uma constante partilha da informação, particularmente quando as circunstâncias se alteram.

É fundamental que o desporto e a educação, como elementos desta parceria, reconheçam as desigualdades entre os sexos, que possam existir em ambos os sistemas, e estejam dispostos a tomar medidas para as ultrapassar. Isto nem sempre é fácil, devido ao facto de estas desigualdades se encontrarem tão profundamente enraizadas:

A mulher, que é a força motora da economia e do desenvolvimento social nos países do Terceiro Mundo, é ainda hoje confrontada com problemas relacionados com as tradições e com a religião que a impedem de desabrochar totalmente para o desporto. O rapaz tem direito a divertir-se, enquanto a rapariga tem de utilizar o seu tempo livre para aprender a cozinhar, a coser e a executar outras tarefas domésticas. No entanto, ela pratica todos os esforços físicos que estão subjacentes ao facto de viver em zonas rurais subdesenvolvidas. (Kidane, 1998)

Este comentário ilustra bem que a educação física básica é também necessária para as raparigas que vivem em tais circunstâncias, devido às tarefas físicas que lhes são exigidas. Um dos pedidos mais recorrentes das nossas colegas que trabalham em regiões subdesenvolvidas é a Educação Física para as raparigas e mulheres, pois isto ajudaria a prevenir lesões causadas por posturas incorrectas ao transportar pesos e acidentes como queimaduras que são causados por falta de equilíbrio ao cozinhar ao ar livre. A citação ilustra igualmente que os rapazes precisam de ser educados para o facto de terem de contribuir também para a vida familiar, o que dará às irmãs mais tempo livre para poderem brincar e praticar actividades físicas, em vez de trabalho e esforço físico. Isto é evidentemente uma lição que muitos rapazes e homens do chamado mundo desenvolvido ainda não aprenderam!

Os esforços de desenvolvimento feitos pelas Nações Unidas e pelas suas agências produziram um vasto conjunto de instrumentos de análise que podem ser aplicados no desenvolvimento da Educação Física e do desporto para as raparigas e mulheres. A seguinte afirmação da ONU (1994) é igualmente relevante para o desporto e a Educação Física: “eliminar as diferenças no acesso à educação não remedeia as injustiças na estrutura educativa”. O facto de se proporcionar às raparigas e mulheres o acesso formal não significa necessariamente que os programas que há muito foram desenvolvidos para os rapazes e homens sejam relevantes ou adequados para as raparigas e mulheres. Os sistemas de Educação Física precisam de ser avaliados nos seguintes termos:

- conteúdo: quais as actividades e os desportos seleccionados;
- métodos de ensino: se se trata de grupos mistos, estarão as/os docentes conscientes do perigo de as raparigas serem marginalizadas enquanto os rapazes dominam o espaço e o equipamento? O facto de o grupo ser misto não significa que o ensino seja misto;

- poder que a cultura desportiva dominante tem na Educação Física e a sua influência nas experiências das raparigas;
- os modelos de referência que são utilizados pela escola e pelas/os docentes para ilustrar o seu trabalho; não é difícil encontrar exemplos de competência e de feitos realizados por mulheres, no entanto o conhecimento desportivo das crianças continua largamente monopolizado por exemplos e modelos de referência masculinos.

O 3.º Fórum Olímpico Internacional para o Desenvolvimento, que teve lugar em Kuala Lumpur em 1998, aprovou “a necessidade de desenvolver argumentos que defendam o investimento no desporto e na educação física a nível nacional e internacional, particularmente através da análise crítica do papel do desporto como instrumento de desenvolvimento”. É importante que estes argumentos sejam reforçados com as necessidades e contribuições específicas das raparigas e mulheres. Para começar, sugiro os seguintes elementos:

- educação física de qualidade nas escolas para todas as crianças; esta deve ir ao encontro das necessidades das raparigas e dos rapazes e deve colocar essas necessidades antes das necessidades do desporto. Frequentemente esperamos que as crianças se comportem como adultos, em particular no desporto; precisamos de lhes dar a oportunidade de serem crianças;
- docentes com as necessárias habilitações, tanto especialistas como não especialistas;
- formação sistemática de docentes de Educação Física, tanto a nível inicial como de estágios nas escolas;
- formação profissional para o desporto que tenha em conta os dois sexos: todos os cursos de treinadores/as e dirigentes deviam incluir e ser sensíveis tanto às necessidades e aos valores das mulheres e raparigas como aos dos rapazes e homens;
- os programas de investigação e os critérios de financiamento devem, da mesma forma, ter em conta as necessidades e os valores de mulheres e homens, o que deveria resultar numa ciência do desporto mais inclusiva e crítica, que esteja ao serviço da Educação Física em vez de a liderar;
- e, por fim, é absolutamente essencial encontrar os meios necessários para que os Ministérios da Educação participem nas políticas nacionais de desporto. Em alguns países, o desporto juvenil é da responsabilidade dos Ministérios da Educação, mas em muitos outros o Ministério do Desporto, ou mesmo da Juventude e Desporto, quase não interagem com os Ministérios da Educação. Não será talvez a Educação Física o cimento que os poderá unir e manter juntos?

Fiz referência anteriormente ao facto de a educação ser um direito fundamental; penso que o mesmo se aplica à actividade física e ao desporto. O mero direito à utilização dos recursos, no entanto, o direito só por si, não chega. É necessário dar às mulheres o poder e os meios para o exercer, é necessário ter “as competências, a

possibilidade de acesso e outros recursos que tornam possível exercer um direito" (UN, 1994). O papel da Educação Física e do desporto é fornecer os meios que possibilitem esta capacitação. Para que as mulheres tenham o poder e os meios para exercer o seu direito ao desporto, é necessário o seguinte:

- competência e destreza física, empenhamento na actividade física;
- poder ter tempo livre para si;
- poder passar tempo longe da casa e da família;
- poder gastar dinheiro;
- poder empenhar-se em outras coisas para além da família e dos filhos;
- poder expressar-se em termos físicos, ter controlo sobre o próprio corpo;
- e, por fim, mas igualmente importante, poder contribuir para e influenciar o desenvolvimento do desporto.

O papel da investigação e do saber nesta capacitação das mulheres é extremamente importante. Por exemplo, a Women's Sport Foundation nos EUA publicou recentemente um estudo que mostra que as jovens que praticam actividades desportivas regularmente têm níveis elevados de confiança e auto-estima. Elas têm igualmente menos tendência do que as jovens que não praticam desporto para se envolverem em actividades sexuais muito cedo, e têm muito menos probabilidades de engravidar antes do casamento ou quando ainda estão na escola. Para os países que têm níveis elevados de gravidez adolescente, como o Reino Unido, esta é uma informação importante. Nos países onde existem altas taxas de HIV e SIDA, constitui literalmente uma questão de vida ou morte. Outros estudos demonstram que a participação das raparigas no desporto está associada também a atitudes menos negativas em relação à escola e a menos desistências. A Educação Física é cada vez mais uma importante disciplina de formação. Pode ajudar a reduzir lesões derivadas de posturas incorrectas, carregamento de pesos ou falta de equilíbrio. E pode também beneficiar os resultados académicos e a inclusão social. Toda esta informação pode ser usada de forma positiva para melhorar as oportunidades das mulheres e raparigas na Educação Física e no desporto.

A capacitação através do desporto e da educação contínua é exemplarmente descrita por Billie Jean King (1981), uma das melhores atletas do século:

Penso que a razão por que o ténis tem dominado uma enorme parte da minha vida tem a ver com o enorme prazer que tenho quando jogo (...) para mim o ténis é uma forma superior de auto-expressão (...) o ténis dá-nos a oportunidade de construir algo só para nós... está-se sempre a aprender. [Ténis,] sem ti eu nunca poderia ter viajado, nunca teria conseguido o êxito em alguma coisa, nunca teria vivido todos aqueles momentos fugazes de felicidade.

Mas darei a última palavra às raparigas de nove e 11 anos da Escola Primária de Ingram Road em Leeds. Elas explicam porque gostam de Educação Física:

Faz-me sentir quase como se pudesse voar.

Eu sinto-me forte: isso agrada-me.

E a minha favorita, porque não sei se ela se apercebeu do duplo significado:

Gosto de utilizar o mesmo equipamento que os rapazes, e ainda por cima ganhar-lhes.

Os benefícios, contudo, não são apenas para as mulheres e raparigas — são para o desporto. Se o desporto conseguir utilizar o talento de toda a população, em vez de apenas 49% dela; se conseguir atingir um melhor equilíbrio com perspectivas mais alargadas; se reconhecer que o investimento no desporto praticado por mulheres é altamente rentável, pois dá origem a mais benefícios sociais, sucesso internacional e melhor vida familiar — então o desporto verá que um melhor desporto para as mulheres significa um melhor desporto para toda a gente. Neste caso, IGUALDADE significa QUALIDADE.

[Tradução de Ana Pereira, Revisão de Teresa Tavares]

Notas

- 1 Como este artigo é baseado na comunicação apresentada em Setembro de 1999 ao Congresso "As Mulheres e o Desporto", os meses indicados neste parágrafo referem-se ao ano de 1999.

Referências bibliográficas

- Brighton Declaration on Women and Sport (1994), Londres, Sports Council.
- Commission for Equality and Women's Rights (1998), *National Policy for Gender Equity*, Lisboa.
- Kidane, Fekrou (1998), "Sports in the developing countries", comunicação apresentada ao 3.º Fórum Olímpico Internacional para o Desenvolvimento, Kuala Lumpur, Comité Olímpico Internacional.
- King, Billie Jean (1981), "A queen and her court", *Yorkshire Post Colour Magazine* 8, 4 Abril, 6-11.
- Presidency of the Council of Ministers (1997), *Global Plan for Equal Opportunities*, Lisboa.
- Rodriguez, R. (1993), "America Latina: una nueva manera de hacer política", *Mujeres en Acción*, 2, 28-30.

UN (1994), *Women in a Changing Global Economy*, Nova Iorque, Department for Policy Coordination and Sustainable Development.
UNICEF (1992) *Strategies to Promote Girls' Education*, Nova Iorque.
Windhoek Call for Action on Women and Sport (1998), Otava, Sport Canada.

Margaret Talbot é Professora Carnegie e Directora de Desporto da Leeds Metropolitan University. É também Presidente da Associação Internacional de Educação Física e Desporto para Raparigas e Mulheres, Vice-Presidente do Conselho Internacional das Ciências do Desporto e Educação Física e coordenadora nacional da SPEEDNET, uma rede que agrega todas as organizações nacionais de educação física e desportiva no Reino Unido. Está actualmente envolvida no desenvolvimento de uma infra-estrutura nacional sustentável para a educação e formação desportivas. Tem escrito e desenvolvido investigação sobre educação física, desporto e lazer, dando ênfase a questões de igualdade de oportunidades, processos políticos e política no desporto e na educação física.